

Cultura

Ritual das parideiras guineenses levado à cena no festival do Rio

António Bequengue | Rio de Janeiro - Hoje



O Grupo de Teatro Oprimido (GTO), da Guiné-Bissau, levou à cena sexta-feira à noite, no espaço Sesc Arena, a peça “Maria – Rituais das Parideiras”, uma metáfora de uma cerimónia tradicional na etnia felupe, que reúne as mulheres para celebrar a sua fecundidade e o seu poder com rezas, cantos, danças e bebidas.

Com direcção de Bárbara Santos e Alessandra Vanucci, a exibição sexta-feira do espectáculo “Maria – Rituais das Parideiras”, levado à cena pelos guineenses do GTO, Serando Carama Baldé, Edilta da Silva, Claudina Joaquim Silva Gomes, Roqui Conté e duas actrizes brasileiras, marcou o encerramento do ciclo de apresentações do GTO no Festival de Teatro de Língua Portuguesa (Festlip 2010).

O espectáculo, que está inserido no projecto “Madalena” do CTO Brasil, narra a história de Maria, uma jovem recém-casada que

conversa com o marido sobre o futuro que deseja para si. O casal concorda ter filhos, mas não imediatamente, pois uma gravidez inviabilizaria o seu sonho de estudar, formar-se e ser alguém na sociedade.

O tempo passa e o marido já não se mostra tão amoroso, o que gera confrontos entre ambos. O clima em casa fica mais pesado porque os familiares do marido exigem filhos, sob o risco de depois ser considerado avô dos seus próprios filhos, uma vez que a esposa é mais nova.

A reverberação de uma trajectória sofrida transparece na produção de outros países, mesmo que de modos diversos. O espectáculo, subdividido em duas partes, tradicional e moderno, gerou no fim um teatro fórum com debates entre os actores e a plateia, composta maioritariamente por brasileiros, guineenses, portuguesas, angolanos e moçambicanos. Logo após a sua formação, em 2004, o Grupo de Teatro do Oprimido “GTO - Bissau” viajou pelo país com a sua primeira peça, “Casamento Precoce, Marginalização, Impunidade e Corrupção”. O grupo tem 25 membros, sendo 13 multiplicadores e 12 actores em actividade. A equipa trabalha em todas as regiões do país, participando de forma activa na mobilização social e na educação comunitária, em áreas como a saúde, educação, justiça, meio ambiente, saneamento, violência doméstica e género.

Projecto Madalena

O Centro de Teatro do Oprimido realizou, de Janeiro a Maio deste ano, no Brasil, Guiné-Bissau e Moçambique, o Laboratório Madalena. Trata-se de uma experiência cénica voltada exclusivamente para mulheres empenhadas em investigar as especificidades das opressões de que a mulher é e em actuar para a criação de medidas efectivas que contribuam para a superação dessas opressões e para a igualdade do género.

A experiência busca percursos de expressões estéticas e narrativas a partir do corpo feminino, esse corpo que ao longo dos séculos permaneceu escondido, protegido e oprimido pelo corpo masculino e hoje parece protagonizar, como objecto e sujeito, a ribalta de nossa sociedade mediática.

O ponto de partida para o Laboratório Madalena ocorreu em Dezembro do ano passado com duas oficinas no Rio de Janeiro, sendo uma composta por um grupo de trabalhadoras domésticas do Nordeste do Brasil. A partir de Janeiro deste ano, pelo menos quatro laboratórios aconteceram no Ceará, Rio de Janeiro, além de Guiné-Bissau e Moçambique. As produções artísticas resultantes desses laboratórios (peças, performances, esculturas, pinturas, instalações, poesias e músicas) circulam pelo mundo, factor que estimula a discussão pública a respeito das opressões e violência contra o corpo da mulher, mesmo em tempos de revolução de hábitos e vivências e da emancipação feminina em diversos contextos sociais.

A experiência está a ser registada para o documentário “Madalena” e foi publicada sábado no Rio de Janeiro, na Metaxis, a Revista do Centro de Teatro do Oprimido. A terceira edição do Festival de Teatro de Língua Portuguesa (Festlip 2010) encerrou sábado com a exibição de cinco peças: “Contos em Viagem – Cabo Verde”, pelo grupo Teatro Meridional de Portugal, no Espaço Sesc- Arena, “A Demissão do Sô Ministro”, pela companhia de Teatro Gungu de Moçambique, no Teatro Sesc Ginástico, “Ferro em Brasa”, pelo grupo Os Fofos Encenam, do Brasil, na CAIXA Cultura - Teatro Nelson Rodrigues, “Drummond 4 tempos”, pela companhia Novo Ato do Brasil, no Sesc Rio Casa da Gávea e “O Pagador de Promessas”, pelo Grupo Fólô Blagi de São Tomé e Príncipe, no Teatro Sesc Tijuca.